

TEORIAS DA PESQUISA EM EDUCAÇÃO E ENSINO: ESBOÇO DIDÁTICO A PARTIR DO MÉTODO DE MARX

Tamara Cardoso ANDRÉ¹

RESUMO: Este artigo apresenta esquema didático e crítico, a partir do Método de Marx, das teorias Positivistas, Funcionalistas, Estruturalistas e Pós-Modernistas. Conclui que a dialética, a contradição e a totalidade permitem compreender que a educação e o ensino são determinados pelas condições de produção e distribuição, sem que essa suposição signifique uma posição mecânica, imobilística ou idealista. As possibilidades de pesquisa, neste método, são a investigação sobre a distribuição e circulação do conhecimento e, também, a luta por uma escola universal que leve à crítica da realidade concreta.

PALAVRAS-CHAVE: Materialismo Dialético, Ensino, Educação, Pesquisa Educacional, Métodos de pesquisa.

ABSTRACT: This is a didactical and critical scheme, from Marx's Method to Positivist, Functionalist, Structuralist and Postmodern theories. It concludes that dialectics, contradiction and totality allow the understanding that education and teaching are determined by the production and distribution conditions, without implying a mechanistic, immobilistic or idealistic position though. The research possibilities, in this method, are the investigation about the distribution and circulation of knowledge and, also, the struggle for a universal school that leads to criticism of the concrete reality.

KEYWORDS: Dialectical Materialism, Teaching. Education, Educational Research, Research Methods.

INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é apresentar um esboço didático de conceitos que diferenciam as correntes de pesquisa em educação e ensino pelo viés dos pressupostos da teoria fundamentada por Karl Marx (1818-1883) e Friedrich Engels (1820-1895). O objetivo específico é apresentar um guia introdutório, através da teoria marxiana, das bases ontológicas e gnosiológicas das correntes teóricas que fundamentam a pesquisa em educação e ensino. Tendo caráter introdutório e didático, não visa a história da pesquisa e nem o aprofundamento teórico de correntes metodológicas.

Correntes de pensamento podem ser caracterizadas tanto por seus teóricos proponentes, quanto por seus críticos. Adotar determinado viés é um meio para evitar leituras ambíguas e, assim, estabelecer certos compromissos de pesquisa próprios ao referencial

¹ Pedagoga pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Mestre e Doutora em Educação pela Universidade Federal do Paraná. Professora Adjunta da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus de Foz do Iguaçu, nos cursos de Licenciatura em Pedagogia e Mestrado Acadêmico em Ensino. E-mail: tamaracardosoandrefoz@gmail.com

metodológico adotado. O método dialético de Marx permite a abordagem de problemáticas que estabeleçam relações entre educação, escola, ensino e sociedade, a partir do pressuposto de que a razão e a compreensão da realidade concreta são objetivos possíveis na pesquisa e de que a verdade não está no discurso, mas na atividade teórico prática (práxis), e suas determinações.

MÉTODOS E POSIÇÕES METODOLÓGICAS: RACIONALISMO, EMPIRISMO, CRITICISMO E RELATIVISMO

Um trecho da peça “A vida de Galileu”, escrita pelo dramaturgo alemão Bertolt Brecht (1898-1956), sobre a vida do astrônomo italiano Galileu Galilei (1564-1642), pode ajudar a introduzir os primeiros embates da ciência antiga entre religião e ciência, ainda antes do racionalismo e do empirismo emergirem como métodos científicos. Brecht (1977) retrata o drama do astrônomo Galileu. Usando uma luneta, Galileu comprovou a hipótese do astrônomo e matemático polonês Nicolau Copérnico (1473-1543) de que a Terra e os astros girariam em torno do Sol. Os religiosos pressionaram Galileu a desistir de sua linha de pesquisa, com medo de que a fé cristã fosse abalada caso o modelo da Igreja fosse negado. O seguinte diálogo da peça que retrata esta história real, ilustra o embate entre razão e experiência.

(...) O MATEMÁTICO

Não seria o caso de dizer que é duvidoso um telescópio no qual se vê o que não pode existir?

GALILEU

O que o senhor quer dizer?

O MATEMÁTICO

Seria tão mais proveitoso, Senhor Galileu, se o senhor nos desse as suas razões, as razões que o movem quando supõe que na esfera mais alta do céu imutável as estrelas possam mover-se e flutuar livremente.

O FILÓSOFO

Razões, Senhor Galileu, razões!

GALILEU

As razões? Mas se os olhos e as minhas anotações mostram o fenômeno? Meu senhor, a disputa está perdendo o sentido (BRECHT, 1977, p. 80-81).

A superação do teocentrismo, retratado na peça de Brecht, se deu em grande parte graças ao racionalismo. O fundador do racionalismo, o matemático e filósofo francês René Descartes (1596-1650), criou o que ficou conhecido como “Método Cartesiano”, que estuda o objeto a partir da sua divisão em várias partes, inclusive distinguindo alma e corpo.

De sorte que este eu, isto é, a alma pela qual sou o que sou, é inteiramente distinta do corpo e até mais fácil de conhecer do que ele, e, mesmo que o corpo não existisse, ele não deixaria de ser tudo o que é (DESCARTES, 2001, p. 39).

Segundo Burt (1983), o método filosófico, para Descartes, deve embasar-se no exercício da razão sobre os objetos sensoriais. A teologia não perdeu lugar em Descartes, mas a distinção, estabelecida pelo filósofo, entre mundo cognoscível pela razão e mundo metafísico, promoveu mudanças na visão de mundo e permitiu maiores avanços para a ciência.

O empirismo, que parte do conhecimento por meio da experiência, é creditado por Kant como tendo se originado na filosofia de Aristóteles e apropriada por John Locke (1632-1704). Locke foi um filósofo inglês que também inaugurou o ideário liberal. O filósofo prussiano Immanuel Kant (1724-1804), nascido em família protestante, identificou Locke com a filosofia empirista, ao indagar se o conhecimento puro derivaria da experiência ou da razão.

Em relação à origem dos conhecimentos puros da razão, o problema é o de saber se estes se derivam da experiência ou se, independentemente dela, têm a sua fonte na razão. Aristóteles pode considerar-se o chefe dos empiristas e Platão o dos noologistas. Locke, que nos tempos modernos seguiu o primeiro, e Leibniz, que seguiu o segundo (embora se afastasse bastante do seu sistema místico), não puderam, nesta controvérsia, chegar ainda a nenhuma solução (KANT, 2001, p. A 854 - B 882).

Kant estabeleceu a crítica do racionalismo, fundamentando o que ficou conhecido como criticismo. O criticismo de certo modo se aproxima criticamente da experiência, sem dispensar a racionalidade.

De acordo com Coutinho (2010), as revoluções burguesas, ainda pautadas na racionalidade, deram ao proletariado a racionalidade crítica como arma. Vendo suas armas se voltarem contra si, a burguesia apelou para a irracionalidade, que começou com a razão estruturalista e acabou descambando para o relativismo. O que é a realidade e o quanto é possível acessá-la e transformá-la por meio do conhecimento, razão ou ciência, são algumas das problemáticas de fundo da epistemologia, da gnosiologia e da ontologia.

EPISTEMOLOGIA, ONTOLOGIA E GNOSIOLOGIA

Alguns manuais de metodologia identificam cada marco teórico investigativo segundo sua epistemologia e ontologia. Nesta esteira, por exemplo, Sautu, Boniolo, Dalle e Ellbert (2010) distinguem as metodologias de pesquisa segundo seus pressupostos ontológicos, epistemológicos e axiológicos. A ontologia abarcaria o questionamento sobre a natureza da realidade, enquanto a epistemologia indagaria sobre a relação entre o investigador e aquilo que ele investiga. A axiologia, por seu turno, trataria do papel exercido pelos valores na investigação. Definir ontologia e epistemologia, no entanto, é tarefa complexa, pois o sentido pode estar diretamente relacionado com dado viés teórico. Para efeito didático, cabe recorrer à origem etimológica, embora isso certamente não esgote a definição. De acordo com o dicionário Houaiss (2001), *Logia* é um pospositivo de origem grega, composto da raiz *logo* mais o sufixo *ia*, usado para formar substantivos. O sentido de *logia* é indicativo de ciência, arte, tratado, exposição cabal, tratamento sistemático de um tema. *Episteme* é formada pelo prefixo grego *epi*, que significa em cima, muito perto, depois, a seguir, além de, sobre, em cima de, com respeito a. *Episteme* vem da filosofia grega, especialmente no platonismo, significando conhecimento verdadeiro, de natureza científica, em oposição à opinião infundada e irrefletida. Já *ontologia* vem do antepositivo grego *ont*, de *ónt* ou *óntos*, significando criatura.

Chasin (2009) explica que não se pode dizer que há um método no pensamento de Marx, se por método se compreende o estudo de relações entre gnosiologia, ontologia, lógica e etc. Tampouco se pode dizer que há método como conjunto normativo de procedimentos pressupostamente científicos para a realização de uma pesquisa. A própria dialética é o método marxiano, que consiste na busca da lógica intrínseca ao objeto estudado, tomando o sujeito como homem ativo e o objeto como atividade sensível.

Segundo Coutinho (2010), a base da autêntica epistemologia da teoria de Marx é a teoria Materialista Dialética e está intimamente relacionada com a gnosiologia. No dicionário Houaiss (2001), *gnosiologia* é palavra etimologicamente formada pelo antepositivo grego *gnôsis*, significando ação de conhecimento, ciência, prudência, sabedoria. Pode-se inferir que no pensamento de Marx e Engels, gnosiologia, ontologia e epistemologia estão imbricados. No viés materialista, o conhecimento científico deve distinguir a essência ocultada por trás do fenômeno e partir dos pressupostos de que a o conhecimento da realidade é possível e de que esta é determinada por fatores múltiplos.

Lukács (1972), ao explicar a ontologia da teoria de Marx, afirma que a consciência humana nasce ligada às formas de atividade social que sofrem efeitos da causalidade e também constituem a base sobre a qual os seres humanos socialmente organizados produzem a existência. A consciência genérica humana é a noção de pertencimento a um grupo social e sua formação apresenta diferentes graus de desenvolvimento, desde as tribos, até as grandes nações. O trabalho e a linguagem, - que foi forjada historicamente a partir das necessidades do trabalho -, mediam historicamente o desenvolvimento da consciência humana. Entretanto, o desenvolvimento não é contínuo, apresenta rupturas e retrocessos. Por exemplo, o capitalismo cria uma economia mundial, mas com contradições que levam as trocas econômicas a serem efetuadas também por meio de guerras, conflitos e dominações, os quais determinam a consciência humana.

A DIALÉTICA E OS MÉTODOS DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO E ENSINO

Talvez o que mais distinga o método de Marx de outros métodos, no que se refere à pesquisa da educação e do ensino, seja sua possibilidade a compreensão e revelação da contradição, que é inerente à dialética.

A dialética, segundo Konder (1990), tem origem na filosofia de Heráclito e nos diálogos de Sócrates. Considerado o pai da dialética, o filósofo pré-socrático turco Heráclito de Éfeso (535 a. c - 475 a.c) afirmava que uma pessoa não se banha duas vezes no mesmo rio porque ambos estão em constante transformação. O filósofo ateniense Sócrates (469 a. c - 399 a. c) desenvolveu a maiêutica socrática, método de diálogo que leva à reelaboração das ideias próprias por meio de perguntas. Em Heráclito há uma dialética do ser, a passo que, em Sócrates, uma dialética das ideias. Na Idade Média a dialética do ser foi rechaçada, pois assim as classes dominantes no regime feudalista também negavam a possibilidade de transformação social. Nesse período, o filósofo francês Abelardo (1079-1142) desenvolveu seu pensamento a partir da dialética enquanto controversia e lógica, com base na filosofia de Aristóteles (384 a. c - 322 a. c), filósofo grego que foi aluno de Platão.

O método desenvolvido por Marx foi influenciado pela dialética do filósofo alemão Friedrich Hegel (1770-1831), que refletiu sobre as contradições da razão pura partindo da teoria de Kant. Hegel não desenvolveu uma dialética do ser, mas do conceito que progrediria e conduziria para a liberdade. A dialética hegeliana não significa uma mudança contínua na qual cada etapa da evolução supera e suprime a anterior. Trata-se de um movimento das ideias no qual uma está contida na outra como imanência ou elevação. Imanência é aquilo que está contido no ser como sua substância.

Hegel (1994) afirma que o ser humano se diferencia dos animais pela capacidade de pensar e que o teórico está essencialmente contido no prático. O pensamento não existe sem vontade, que, deparando-se sempre com a determinação, pode ser natural e irrefletida ou universal e refletida. O ser-aí (*dasein*) é a aparência ilusória, mas é também o corpo do ser-em-si, que é a vontade natural, irrefletida. A vontade do ser-em-si, ao abstrair o seu entorno e seus limites, pode tornar-se fúria e destruição, como nos casos de suicídio e homicídio. O ser-para-si é o ser-em-si que atingiu sua imanência, a vontade refletida e universal, por meio do conceito. Para Hegel, quando Kant, na “Metafísica dos Costumes”, diz que é preciso restringir o arbítrio para conviver com o arbítrio do outro, só tem a determinação negativa da restrição. Diferentemente da visão de Kant, Hegel considera que o ser-para-si pode desejar o universal na sua subjetividade, como ocorre, por exemplo, no amor e na amizade. Determinações, portanto, não escravizam. Escravo é aquele que não pensa sobre si e nada sabe acerca da própria essência.

A dialética mais elevada do conceito consiste não só em produzir e apreender a determinação como barreira e como contrário, mas, também, em produzir e apreender a partir dessa determinação o conteúdo positivo e o resultado, como aquilo pelo qual unicamente a dialética é desenvolvimento e progredir imanente. Esta dialética não é, pois, o fazer externo de um pensar subjetivo, mas a alma própria do conteúdo, que organicamente lança os seus ramos e frutos (...) (HEGEL, 1994, p.153-154).

Em suas linhas fundamentais da filosofia do direito, Hegel defende que a liberdade do indivíduo só é exercida quando este se liga ao Estado racional, que é a unidade entre liberdade objetiva e princípios universais, tomados das formas de Direito em vigor nesse Estado.

O direito do Estado, é, por isso, superior ao (direito) dos outros degraus ou estágio: ele é a liberdade em sua configuração mais concreta, que só se subordina, ainda, à suprema verdade absoluta do espírito do mundo (HEGEL, 1994, p. 161).

Assim, para Hegel o Estado racional de Direito é o que assegura a universalidade e, conseqüentemente, a liberdade. Com isso, a teoria de Hegel acabou servindo à defesa do Estado monárquico prussiano.

Em “A miséria da Filosofia”, Marx (1985) afirma que o Método Dialético de Hegel é absoluto, pois reduz todas as coisas a uma metafísica aplicada. Para Hegel, tudo existe graças a um movimento qualquer. Para Marx, as relações de produção da sociedade coexistem simultaneamente e também se sustentam umas nas outras, formando um todo. Ideias e relações sociais são históricas e transitórias, uma vez que as mesmas pessoas que engendram as relações sociais, produzem as ideias que as legitimam.

Frederico (2009) explica que Marx era hegeliano de esquerda, grupo que rechaçava a teoria geral de Hegel e apegava-se ao método dialético, considerando que o movimento ininterrupto das ideias iria levar à negação do Estado monárquico prussiano. No entanto, logo Marx viria a criticar a dialética das ideias e postular uma dialética do ser, ontológica. Inicialmente Marx tentou extrair conseqüências revolucionárias e de resistência contra o Estado da teoria do filósofo alemão Ludwig Andreas Feuerbach (1804-1872), mas este sempre se manteve distanciado de temas sociais e políticos.

Na *Ideologia Alemã* Marx e Engels (2014) criticam o caráter abstrato e idealista da filosofia alemã, para a qual o pensamento determina o mundo.

Totalmente ao contrário da filosofia alemã, que desce do céu à terra, aqui se eleva da terra ao céu. Quer dizer, não se parte daquilo que os homens dizem, imaginam ou representam, tampouco dos homens pensados, imaginados e representados para, a partir daí, chegar aos homens de carne e osso; parte-se dos homens realmente ativos e, a partir do seu processo de vida real, expõe-se também o desenvolvimento dos reflexos ideológicos e dos ecos desse processo de vida. (...) Não é a consciência que determina a vida, mas a vida que determina a consciência. No primeiro modo de considerar as coisas, parte-se da consciência como do indivíduo vivo; no segundo, que corresponde à vida real, parte-se dos próprios indivíduos reais, vivos, e se considera a consciência apenas como sua consciência (MARX, ENGELS, 2014, p. 94).

No capitalismo, a divisão entre trabalho manual e intelectual e a apropriação privada dos instrumentos de trabalho pelos donos dos meios de produção constituem a alienação e o estranhamento, que só podem ser superados quando o poder se torna insuportável para a massa destituída, a ponto de esta fazer a revolução comunista. As condições desse movimento resultam de dois pressupostos: o mercado mundial produzindo uma massa de trabalhadores excluída do capital e a perda do trabalho como fonte segura de vida. Tanto proletariado, quanto

comunismo, só podem ter uma existência histórico-mundial, ou seja, história de indivíduos vinculada com a história mundial.

Dangeville publicou, em 1976, uma compilação comentada de textos de Marx e Engels (1820-1895) acerca da educação e do ensino, sob o título *Critique de l'éducation et de l'enseignement. Introduction, traduction et notes de Roger Dangeville. Une anthologie de Marx-Engels sur l'éducation, l'enseignement et la formation professionnelle*. Marx e Engels levantaram problemáticas relativas às leis de ensino obrigatório em diversos países, denunciaram as más condições em que eram mantidas as crianças e mulheres nas fábricas e a atrofia intelectual, produzida artificialmente nas crianças e adolescentes convertidos em apêndices de máquinas na divisão social do trabalho.

A mesma sociedade industrial que Marx critica, por tornar pessoas apêndices de máquinas, é tomada como mote para o pensamento educacional do filósofo francês Durkheim (1858-1917) visando, em sentido oposto ao de Marx, sua conservação e reprodução. Para Durkheim (2011) a consciência humana é coletiva e deve ser construída de acordo com a moral da sociedade. A função da escola é preservar a moral social. A divisão social do trabalho, sendo algo natural e desejável, deve ser o mote da educação.

De fato, cada profissão constitui um meio *sui generis* que demanda aptidões e conhecimentos específicos, um meio no qual predominam certas ideias, usos e maneiras de ver as coisas; e, já que a criança deve estar preparada com vistas à função que será levada a cumprir, a educação, a partir de determinada idade, não pode mais continuar a ser a mesma para todos os sujeitos aos quais ela se aplicar (DURKHEIM, 2011, p.101-102).

Portanto, se por um lado a escola pode ser um meio para que pessoas não se tornem apêndices de máquinas, por outro lado pode, também, contribuir para a formação do trabalhador alienado, reproduzindo a divisão social entre trabalho manual e intelectual.

Durkheim é considerado o expoente do Funcionalismo, embora, segundo Morrow e Torres (1997), tal categorização se deva às críticas dos antropólogos à sua sociologia. No seu modelo Funcionalista, Durkheim define a sociedade como um sistema formado por partes interdependentes que tendem ao equilíbrio. Mas a teoria de Durkheim é, também, Reprodutivista, ao estudar de que modo as formas culturais da sociedade reproduzem a organização econômica, contribuindo para a harmonia social. A sociologia de Durkheim pode ser considerada o expoente de uma teoria burguesa, que acaba colocando a teoria à serviço da conservação das formas estruturadas na sociedade capitalista.

Segundo Morrow e Torres (1997), na obra “As Regras do Método Sociológico” Durkheim estabeleceu princípios metodológicos que se tornaram base para a antropologia estruturalista de Bourdieu e de Lévi-Strauss. Bourdieu, no entanto, se aproximou de Marx e Weber e utilizou o método de Durkheim em um sentido crítico. Adotando metodologias diversificadas, como etnografia, inquéritos e questionários, Bourdieu estudou como o poder se reproduz através da imposição da cultura das classes dominantes, de modo a acirrar as desigualdades. Segundo Bourdieu (1998), o sistema escolar é um dos fatores mais eficazes de conservação social, pois fornece a aparência de legitimidade às desigualdades sociais. Cada família transmite a seus filhos, mais por vias indiretas que diretas, certo capital cultural. Como a herança cultural difere segundo as classes sociais, a escola acaba por favorecer os mais favorecidos quando enfatiza o estilo aristocrático de cultura.

Conforme Morrow e Torres (1997), falta à Bourdieu considerar o papel da coerção econômica na violência simbólica.

Pode-se afirmar que a teoria de Bourdieu, embora crítica à reprodução da desigualdade, contém limitações características do estruturalismo nas ciências humanas e sociais. De acordo com Coutinho (2010), o Estruturalismo surge como corrente dominante da ideologia burguesa quando, após as guerras e crises do século XIX, correntes racionalistas tentaram submeter amplas esferas da realidade a esquemas da racionalidade formalista, decretando como irracionais as questões ligadas à luta por uma nova sociedade. Nas lutas históricas contra o poder absoluto, a burguesia se viu por vezes ameaçada de que suas armas fossem usadas contra ela pelo proletariado. Com isso, a burguesia abandonou a arma da razão. Enquanto o proletariado recolheu a razão abandonada pela burguesia e a elevou ao Materialismo Histórico e Dialético, a burguesia buscou teorias que levaram ao abandono da razão. O filósofo francês Auguste Comte (1798-1857) foi o primeiro representante da “miséria da razão”, em sua defesa da natureza espontânea e imediatista do positivismo. A “miséria da razão” do positivismo foi uma antecipação do funcionalismo de Durkheim e também do estruturalismo, cuja base não foi a teoria social, mas sim a teoria linguística de Ferdinand de Saussure (1857-1913).

Em crítica a Lévi-Strauss (1908-2009), Barthes (1925-1980), Althusser (1918-1990) e Foucault (1926-1984), expoentes do estruturalismo francês, Coutinho (2010) mostra que, apesar da diversidade, as teorias estruturalistas são similares no que tange ao fato de confundirem as regras formais intelectuais com a realidade objetiva. As regras do método formal no estruturalismo são colocadas acima das pessoas concretas, o que acaba fundamentando teorias da manipulação social.

Coutinho (2010) considera que há pontos substanciais na obra de Saussure, mas que mesmo assim sua teoria influenciou o irracionalismo, pois em seu método apenas o não contraditório e o estático podem ser apreendidos. No estudo do signo, Saussure (2010) estabeleceu uma oposição com finalidade metodológica explicando o signo como tendo dois lados, o significante e o significado. O significante, por exemplo, é o objeto “cavalo” ou a palavra “cavalo”. O significado é múltiplo, pode sofrer modificações ao longo da história, ter sentidos individuais ou assumir formas diversas na cadeia da fala. Ao distinguir significante e significado e língua e fala, Saussure criou um método de oposição para o estudo das estruturas das línguas.

Na psicologia educacional, a teoria de Piaget (1896-1980), biólogo e psicólogo suíço, pode ser classificada como estruturalista e construtivista de base empírica, conforme postula Japiassu (1934). De fato, enquanto Piaget define o desenvolvimento infantil por estágios de desenvolvimento, Vygotski (2000) afirma que o desenvolvimento da criança se dá em saltos, interrupções, rupturas, retrocessos e descontínuos avanços, pois ocorre dialeticamente na interação entre a maturidade orgânica e o contexto sócio-cultural. Vygotski (1896-1934) foi um psicólogo russo que desenvolveu as bases para uma psicologia pautada no método materialista histórico e dialético.

Contradição, e totalidade são importantes elementos do materialismo histórico e dialético. Segundo Coutinho (2010), o estruturalismo nega as contradições e converte a racionalidade em estrutura determinante da totalidade da vida humana. A análise positivista de Comte, que elimina as contradições, veio a ser elogiada por Lévi-Strauss, em suas afirmações de que o aparecimento de contradições aponta para a incompletude da análise e de que fatos sociais são similares à natureza. Em Marx o processo evolutivo da história é movido pela luta de classes e, por isso, pode ter retrocessos e temporárias rupturas. Por exemplo, na sociedade de classes o progresso no campo técnico e econômico pode ser acompanhado pela perda de valores humanos e éticos. Apesar das contradições, no entanto, o progresso tem existência objetiva. Em Lévi-Strauss não existem sociedades mais adultas do que outras e mito e ciência são a mesma coisa. A humanidade constante de Lévi-Strauss, segundo Coutinho (2010),

corresponde ao que o capitalismo manipulatório pretende fazer do ser humano. Por isso a concepção de Lévi-Strauss contém um anti-humanismo implícito, que Foucault veio a levar às últimas consequências quando substituiu a racionalidade pelo “discurso” ou “sistema”. Com seu “método arqueológico” Foucault nega a relação entre história e práxis, combatendo a história concreta e eliminando o ser humano, ao colocar a *episteme* no seu lugar como objeto da ciência. Com isso, Foucault quebra com as tradições do século XIX que poderiam ajudar a compreender a insensatez do mundo manipulado do capitalismo.

Nos trabalhos da maturidade, Foucault criticou Lévi-Strauss por não ter levado seu formalismo às últimas consequências, o que Coutinho (2010) considera uma crítica reduzida. Entretanto, Foucault passou a ser reconhecido como Pós-Estruturalista (DOSSE, 1993).

Althusser, por seu turno, tentou apresentar o Estruturalismo como leitura de Marx. Segundo Coutinho (2010), Althusser propôs um marxismo estruturalizado e com racionalidade própria de uma práxis manipuladora, que abandona o humanismo e se apega à concepção burocrática e conservadora do socialismo. Ao distinguir de modo absoluto o conhecimento e a realidade, Althusser acaba por negar que o conhecimento científico pode e deve distinguir a essência ocultada por trás do fenômeno.

Coutinho (2010) explica que as teorias Reprodutivistas Críticas de viés metodológico Estruturalista, ao conhecerem apenas o não contraditório, cederam lugar a metodologias que abandonaram a perspectiva de superação das contradições. Ao final do século XX e início do século XXI, surgiram teorias de pesquisa que descambaram para o irracionalismo, denotadas no abandono do humanismo e da dialética. Correntes de pesquisa denominadas com os prefixos *neo* ou *pós* acirraram o conservadorismo anti-humanista e irracionalista de Auguste Comte e Emile Durkheim.

Karl Popper é o maior representante do chamado pós-positivismo. Segundo Anderson (2003), Popper fez parte do grupo formado por Hayek para fundamentar o neoliberalismo. O texto de Hayek, escrito em 1944, intitulado “O caminho da servidão”, afirma que o Estado não deveria limitar os mecanismos de mercado. Hayek, junto a Milton Friedman, Karl Popper, Lionel Robbins, Ludwig Von Mises, Walter Eukpen, Walter Lippman, Michael Polanyi e Salvador de Madariaga, fundou a Sociedade de *Mont Pélerin*, com o objetivo de combater o que chamaram de “igualitarismo”.

Para efeito didático, o quadro abaixo, com base nos manuais de pesquisa em ciências sociais de Sautu, Boniolo, Dalle e Elbert (2010) e de Gil (2014), sintetiza as metodologias empiristas.

METODOLOGIAS EMPIRISTAS

POSITIVISMO	PÓS-POSITIVISMO	CONSTRUTIVISMO SOCIAL
MÉTODOS		MÉTODOS
Dedução, partindo da relação de causa e efeito. Análise indutiva, extraindo conclusões de fatos particulares. Busca de variáveis, indicadores e generalizações. Utilização de estratégias de validação interna.		Observação da dinâmica das relações entre indivíduo e coletividade através de conceitos e categorias prévias.
AUTORES	AUTORES	AUTORES
Auguste Comte, filósofo francês (1798-1857)	Karl Popper (1902-1994), filósofo e cientista austríaco	Berger (1929-) EUA e Luckmann (1927-) Alemanha

As correntes de pesquisa que nos manuais de investigação são classificadas como “interpretativistas” também tendem para o abandono da razão. Entretanto, é preciso reconhecer o mérito do método historicista de Wilhelm Dilthey (2010) para a compreensão da

realidade a partir da história. Por outro lado, na Fenomenologia, assim como no Existencialismo, segundo Coutinho (2010), o humanismo é substituído por um individualismo exacerbado que nega a sociabilidade. De um lado, surge o irracionalismo fundado na intuição arbitrária e, por outro, um agnosticismo decorrente das limitações da racionalidade. Com base nos manuais de pesquisa de Sautu, Boniolo, Dalle e Elbert (2010) e de Gil (2014), é possível sintetizar as pesquisas em ciências sociais Interpretativistas, segundo o quadro abaixo:

INTERPRETATIVISMO		
HISTÓRICO-HERMENÊUTICO	FENOMENOLOGIA	INTERACIONISMO SIMBÓLICO
<p>MÉTODOS</p> <p>Investigação Histórica. Comparação e Analogia.</p>	<p>MÉTODOS</p> <p>Investigação histórica ou etnográfica. Entrevista. Observação. Comparação e analogia. Análise de narrativas.</p>	<p>MÉTODOS</p> <p>Observação e etnografia. Entrevista. Análise de narrativas. Pragmatismo.</p>
<p>AUTORES</p> <p>Wilhelm Dilthey (1833-1911), filósofo, pedagogo, psicólogo, sociólogo e historiador alemão.</p>	<p>AUTORES</p> <p>Edmund Husserl (1859-1938), matemático e filósofo alemão.</p>	<p>AUTORES</p> <p>Escola de Chicago Pragmática: Herbert Mead (1863-1961), filósofo estadunidense. William James (1842-1910), psicólogo pragmático estadunidense. John Dewey (1859-1952), pedagogo estadunidense. Charles Sanders Peirce (1839-1914), filósofo e matemático estadunidense. Herbert Blumer (1900-1987), sociólogo estadunidense que sistematizou o que ficaria reconhecido como Escola de Chicago.</p>

Algumas das teorias críticas, por seu turno, não abandonaram o humanismo marxiano, porém geraram o efeito da individualização dos problemas do ser humano genérico na sociedade capitalista. A partir de Morrow e Torres (1997), segue quadro que esboça a teoria social crítica:

TEORIA SOCIAL CRÍTICA	
TEORIA CRÍTICA	CRÍTICO-REPRODUTIVISMO
<p>MÉTODOS</p> <p>Estudos teóricos ou empíricos, articulando métodos qualitativos e quantitativos como entrevista, observação participante e análise documental e de conteúdo. Nova Sociologia da Educação. Sociologia dos Estabelecimentos Escolares. Sociologia da Experiência Escolar. Etnografia Educacional. Estudos Culturais.</p>	
<p>AUTORES</p> <p>Escola de Frankfurt: Max Horkheimer (1895-1973), Theodor Adorno (1903-1969) e Jürgen Habermas (1929-).</p>	<p>AUTORES</p> <p>Louis Althusser (1918-1990), filósofo francês. Roger Establet (1938-), sociólogo francês. Christian Baudelot (1938-), sociólogo francês.</p>

Sociologia da experiência: François Dubet (1946-), sociólogo francês.	Pierre Bourdieu (1930-2002), sociólogo francês. Jean-Claude Passeron (1930-), sociólogo francês.
---	---

O apego do Estruturalismo ao formalismo, ao não contraditório e ao controle, acabou por servir de mote para a fundamentação do pós-modernismo, que surgiu como crítica da totalidade, da contradição e do sujeito centrado e autônomo do modernismo. O filósofo alemão Friedrich Nietzsche (1844-1900) fundamentou o pensamento relativista e pós-moderno. Segundo Dosse (1993), Nietzsche, ao afirmar que o conhecimento e a moral ocidental são castradores, coloca-se contra a historicidade como portadora do progresso, contra qualquer forma de revolução e se opõe ao socialismo. A partir de Dosse (1993) e Coutinho (2010), é possível sintetizar as metodologias relativistas conforme o quadro abaixo:

METODOLOGIAS RELATIVISTAS

ESTRUTURALISMO	PÓS-ESTRUTURALISMO	PÓS-MODERNISMO
MÉTODOS Antropologia estruturalista.	MÉTODOS Método arqueológico de Foucault.	MÉTODOS Entrevista. Análise de conteúdo. Análise documental. Análise literária. Pesquisa por meio de fotos, filmes, etc.
AUTOR Claude Lévi-Strauss (1908-2009).	AUTOR Michel Foucault (1926-1984), filósofo francês.	AUTOR Friedrich Nietzsche (1844-1900), filósofo alemão.

A reprodução é um importante elemento para a compreensão da pesquisa em educação e ensino ligada às ciências sociais. Por um lado, a educação tende à reprodução, pois é elemento da superestrutura que; assim como as ideologias, as religiões, a política e a economia; reproduz a infraestrutura, formada pela produção material. Superestrutura necessariamente reproduz a Infraestrutura, como explica Eagleton (1997), ao afirmar que a Superestrutura é um termo relacional. Segundo o autor, o modelo base-superestrutura pretende afirmar que a condição material é determinante de todas as outras atividades.

No entanto, o papel da educação na reprodução não implica que a educação deva ser relegada a uma perspectiva durkheimiana ou, ainda, que não deva fazer parte das pautas de lutas pela transformação das desigualdades. No “Manifesto do Partido Comunista”, redigido por Marx e Engels em 1848 com o objetivo de expressar o programa da Liga dos Comunistas, a educação pública figura como uma das pautas.

Coutinho (2010) ajuda a concluir que as teorias críticas podem servir à manipulação social, por produzirem imobilismo ou socialismo romantizado. Mesmo assim, é possível objetar às críticas de Coutinho que, contanto que não abandonem o humanismo e nem descambem para o idealismo e o individualismo, os métodos empregados nas investigações críticas e reprodutivistas podem ajudar no levantamento de dados que venham a justificar e fornecer bases à luta de classes pelo lado do proletariado, através da crítica ao anti-humanismo do capitalismo. O mesmo não se pode afirmar em relação às teorias relativistas, que além de irracionais, não têm como princípio e nem finalidade a luta de classes e a superação do capitalismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da teoria de Marx, não se pode tomar a educação como entidade autônoma à sociedade. Mesmo que o estudo se pautem em uma corrente didática de pressupostos socialistas, o estatuto de pesquisa materialista e dialética vai depender da compreensão daquilo que é estudado na perspectiva da totalidade, das contradições, das múltiplas determinações e do movimento dialético. Kosik (2002) afirma que a transformação das condições de existência depende de um movimento, a “práxis”, que é o processo de ir do concreto vivido ao concreto pensado e retornar ao concreto vivido para transformá-lo. A partir de Kosik é possível entender que é papel do ensino o estabelecimento de ligações entre teoria e prática revolucionária.

Assim, pesquisas materialistas dialéticas pautadas na teoria de Marx tanto podem investigar a circulação e a distribuição do conhecimento na sociedade capitalista, quanto buscar estratégias didáticas que visem o ensino que objetive desenvolver no aluno a compreensão da realidade concreta. Embora o “trabalho” seja uma das categorias centrais na teoria de Marx, não se pode afirmar que a relação direta entre educação e trabalho constitua por si só uma pesquisa marxiana. A afirmação de Coutinho (2010) de que a burguesia se aferrou ao irracionalismo ao ver a razão se voltar contra ela nos períodos revolucionários, leva a questionar os limites dos currículos escolares tornados obrigatórios pelo Estado. Para não cair em armadilhas do irracionalismo burguês, é preciso não desvincular a pesquisa marxiana em educação e ensino da luta pelo socialismo. Buscar criar condições para que todos, desde já, tenham acesso aos conhecimentos que ajudem a entender a realidade concreta, é objetivo que não pode ser deixado para trás, o que implica em lutar pela escola estatal e universal e, ao mesmo tempo, estudar quais conteúdos e métodos são úteis para o desenvolvimento do pensamento concreto, bem como focalizar as questões contemporâneas que afetam a educação e ameaçam a escola para todos, como o projeto educacional liberal.

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, Perry. Neoliberalismo: un balance provisório. In. SADER, Emir. GENTILI, Pablo. **La Trama del Neoliberalismo**. Mercado, crisis y exclusión social. Buenos Aires: Clacso, 2003. p. 11-18
- BOURDIEU, Pierre. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (orgs). **Escritos de educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998, p. 39-64
- BRECHT, Bertolt. (1955). **A Vida de Galileu**. São Paulo: Abril Cultural, 1977
- BURTT, Edwin A. **As bases metafísicas da ciência moderna**. Tradução: José Viegas Filho. Orlando Araújo Henriques. Editora Universidade de Brasília, 1983
- CHASIN, J. **Marx: estatuto ontológico e resolução metodológica**. São Paulo: Boitempo, 2009
- COUTINHO, Carlos Nelson. **O Estruturalismo e a Miséria da Razão**. São Paulo: Expressão Popular, 2010
- DESCARTES, René. (1637). **Discurso do Método**. Tradução: Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- DILTHEY, Wilhelm. (1883). **A construção do mundo histórico nas ciências humanas**. Tradução: Marcos Casanova. São Paulo: Editora UNESP, 2010.
- DOSSE, François. **História do Estruturalismo**. O campo do signo, 1945/1966. Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1993
- DURKHEIM, Émile. (1922). **Educação e Sociologia**. Tradução: Stephania Matousek. Petrópolis: Vozes, 2011
- EAGLETON, Terry. **Ideologia**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista: Editora Boitempo, 1997
- FREDERICO, Celso. **O jovem Marx**. 1843-1844: as origens da ontologia do ser social. São Paulo: Expressão Popular, 2009
- GIL, Rosa María Cifuentes. **Diseño de proyectos de investigación cualitativa**. Buenos Aires: NOVEDUC, 2014
- HEGEL, G.W.F. (1820) **Linhas Fundamentais da Filosofia do Direito ou Direito Natural e Ciência do Estado em Compêndio**. Tradução: Marcos L. Müller. Analytica, Vol 1, N.01, 1994
- HOUAISS. Antônio. **Novo Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2001
- JAPIASSU, Hilton. **Introdução ao pensamento epistemológico**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1934
- KANT, Immanuel. (1781) **Crítica da razão pura**. Tradução: Manuela Pinto dos Santos. Alexandre Fradique Morujão. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001
- KONDER, Leandro. **O que é dialética**. Brasiliense, 1990
- KOSIK, Karel (1961). Tradução: Célia Neves. Alderico Toríbio. **Dialética do Concreto**. São Paulo: Paz e Terra, 2002

- LUKÁCS, György. (1972) **Ontologia do Ser Social I**. Os Princípios Ontológicos Fundamentais de Marx. Tradução: Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas LTDA, S/D
- MARX, Karl. (1859). **Para a crítica da economia política**. Do capital. O rendimento e suas fontes. Tradução: Edgard Malagodi. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1999
- MARX, Karl. ENGELS, Friedrich (1846). **A ideologia alemã**. Tradução: Rubens Enderle. Nélio Schneider. Luciano Cavini Martorano. São Paulo: Boitempo, 2014
- MARX, Karl. ENGELS, Friedrich (1848). **Manifesto do Partido Comunista**. Tradução: José Barata-Moura e Francisco Melo. Lisboa: Editorial Avante, 1997
- MARX, Karl. (1847) **A miséria da Filosofia**. Tradução: José Paulo Netto. São Paulo: Global, 1985
- MARX, Karl. ENGELS, Friedrich. Critique de l'éducation et de l'enseignement. Introduction, traduction et notes de Roger Dangeville. In. DANGEVILLE. Roger. **Une anthologie de Marx-Engels sur l'éducation, l'enseignement et la formation professionnelle**. Librairie François Maspero: Paris, 1976
- MORROW, Raymond Allen. TORRES, Carlos Alberto. **Teoria social e educação**. Uma crítica das teorias da Reprodução Social e Cultural. Porto, Portugal: Editora Afrontamento, 1997.
- SAUSSURE, Ferdinand. (1910). **Curso de Linguística Geral**. Tradução: Antônio Chelini. José Paulo Paes. Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2010.
- SAUTU, Ruth. BONIOLO, Paula. DALLE, Pablo. ELBERT, Rodolfo. **Manual de metodología**. Contrucción del marco teórico, formulación de los objetivos y elección de la metodología. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2010
- VYGOTSKI, Lev. S. (1931) **Obras Escogidas**. Tomo III. Tradução: José María Bravo: Madri: Visor, 2000

Recebido em 05-05-2018.

Aceito em 10-08-2018.